

POR UMA ÉTICA DO CUIDADO DE SI: UM OLHAR PARA OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NA GOVERNABILIDADE DO UNILASALLE

Paulo Fossatti

Dirléia Fanfa Sarmento

Resumo

O ensaio origina-se das reflexões, saberes e experiências construídas no decorrer da utilização do *Balanced Scorecard* (BSC) como ferramenta de gestão do Unilasalle. Considera-se a ferramenta de gestão como um dispositivo que produz movimentos, desassossegos, mudanças, vivências, discursos, práticas e resultados que constroem uma ética do cuidado de si, em suas relações múltiplas e em suas estratégias que determinam o exercício da governabilidade institucional e pessoal.

Palavras-chave

Ética do Cuidado; Gestão Estratégica; Instituição de Ensino Superior.

Abstract

The origin of this essay came out of the reflections, knowledge and experiences that emerged from the use of the *Balanced Scorecard* (BSC) as a management tool at Unilasalle. A management tool is deemed to be a procedure to bring forth movements, uneasiness, variance, styles of living, utterances, praxes and concrete outcomes able to build an ethics of caring one's self, within the manifold mutual dealings as well as in the strategies which ascertain the exercise of both institutional and personal governance.



Key words

Ethics of Caring one's self; Higher Educational Institution; Strategic Management.

1 NOTAS PRELIMINARES: A GESTÃO ORGANIZACIONAL NUMA PERSPECTIVA ESTRATÉGICA

O mundo está passando por um momento de grandes e contínuas transformações nos âmbitos científico, tecnológico, político, sociocultural e, principalmente, econômico. Tais mudanças interferem nas produções de identidade pessoal e coletiva, modos de ser e estar no mundo, de pensar, de comunicar, de produzir e de consumir. Se por um lado, vive-se num tempo de grandes oportunidades e alternativas, por outro, para poder aproveitar tudo isso, é necessário o enfrentamento de grandes desafios, dentre eles, as crises nos diversos segmentos. Para algumas organizações terem condições de acompanhar e permanecer no mercado é necessário que haja mudanças paradigmáticas em termos de visões, estratégias e o desenvolvimento de atitudes empreendedoras e proativas que viabilizem a fidelização de seus clientes e a captação de novos nichos.

A diminuição nos custos, o aumento das produções, a qualificação do coletivo de colaboradores, melhorias no atendimento ao cliente e melhorias nos produtos são constantes preocupações que perseguem os gestores. Direcionado o olhar para a área educacional, caracterizada como pertencendo ao setor de serviços, verifica-se que ela está em ascensão conquistando um espaço significativo na economia mundial. Contudo, talvez seja essa uma das áreas que ainda carece de maior atenção por parte dos seus administradores, devido à crescente proliferação de novas instituições, aumentando a competitividade na oferta de produtos mas, principalmente, pela existência de uma cultura administrativa ain-



da pautada em condutas intuitivas. Tal prática não atende mais às demandas derivadas da complexidade do mundo contemporâneo. Requerem-se, na atualidade, novas posturas em relação à administração. Termos como participação, parceria, processo, planejamento, visão sistêmica, autossustentabilidade e relações de interdependência tornaram-se imprescindíveis no vocabulário e nas ações administrativas.

Uma organização se faz e se consolida com pessoas que estão à frente de processos. Da qualidade de sua formação, discursos, práticas, posturas e relações estabelecidas, depende grande parte do sucesso de uma organização. Tratando-se de instituições educativas, essa preocupação ganha centralidade, pois são pessoas que assumem a responsabilidade em contribuir na educação e formação de outras pessoas. Investir no potencial humano parece ser a primeira estratégia no escopo de uma gestão estratégica.

Nesse contexto, o ensaio ora apresentado, é decorrente das reflexões sobre os discursos, saberes e práticas construídas na trajetória de utilização do *Balanced Scorecard* (BSC). O *Balanced Scorecard* é uma ferramenta de gestão oriunda da área empresarial e que, cada vez mais, está sendo adotada por instituições educativas. Articula dimensões e medidas fundamentadas em quatro perspectivas: financeira, clientes, processos internos e aprendizado, e crescimento. Essa ferramenta foi adotada como referência no triênio 2006-2009 pela gestão do Centro Universitário La Salle (Unilasalle) cujas ações previstas no planejamento estão se consolidando paulatinamente. Período caracterizado pela ruptura de lutas e práticas peculiares mobilizadas, muitas vezes, por interesses de pessoas e pequenos grupos, resistências e capturas, e atravessado por vivências, trabalhos, implicações, mudanças paradigmáticas, novas formas de gestão, novas descobertas.



A ferramenta de gestão adotada constitui-se num dispositivo¹¹ que produz movimentos, desassossegos, mudanças, vivências, discursos, práticas e resultados que incidem na (re)construção de modos de ser e agir. Tais modos passam por continuidades, descontinuidades e se reorganizam independentemente de uma racionalidade imanente (DREYFUS, 1995). Ao optar pelo BSC, a instituição organiza-se estrategicamente para projetar-se no cenário nacional. Querendo ou não, os rastros de uma tradição de mais de 300 anos deixam marcas, formas, verdades, mundos legados e que, com maior ou menor implicação ou assujeitamento, necessitam de ter ressignificado o seu sentido, dando continuidade à história para que a instituição viva. O presente força a pensar e a agir estrategicamente. Daí, entendem-se as inúmeras investidas na busca de sustentabilidade da instituição e da garantia de certa territorialização, que pode ser sinal de sabedoria, discernimento e perpetuação nos tempos atuais.

As decisões emanadas da coletividade representativa presente nas reuniões mensais do BSC e suas decorrências nas opções institucionais e pessoais são de grande repercussão, na medida em que os novos discursos produzidos também produzem novas práticas de gestão como um modo de cuidar de si enquanto

¹¹ Com o termo dispositivo Foucault quer demarcar três idéias: “em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretção desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 1995, p. 244).



pessoa e instituição. Nesse sentido, pontua-se a relevância de dar visibilidade aos discursos e às práticas que constroem uma ética do cuidado de si, em suas relações múltiplas e em suas estratégias que determinam o exercício da governabilidade institucional e pessoal.

2 ÉTICA DA COMPREENSÃO

Tem-se ciência de que um dos grandes desafios contemporâneos é “pensar o movimento sem querer sequestrá-lo e submetê-lo ao ritmo mórbido das biografias e doxografias, à linearidade de uma lógica temporal do ‘ainda não’ e do ‘não mais’” (QUEIROZ, 1999, p. 23) [grifo do autor]. As cartografias emergentes das construções do BSC se constituem conforme os ritmos dos acontecimentos específicos, peculiares deste tempo e lugar. Torna-se objetivo também tentar compreendê-las em seus deslocamentos para não deixar-se “enganar pela rigidez dos traços, dos mapas, das fases” (Idem, 1999, p. 25), fazendo leituras e interpretações descoladas dos movimentos pessoal, grupal e institucional.

As problematizações ganham dimensão de cruzamento de perspectivas de saber e de poder, e a análise das formas contemporâneas de subjetivação, transformam-se numa possibilidade de falar dos jogos de verdade e da ética, na própria experiência concreta da vida. Conforme Foucault (1996, p. 11), parece que

[...] existem, na sociedade, ou pelo menos, em nossas sociedades, vários outros lugares onde a verdade se forma, onde um certo número de regras de jogo são definidas - regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios de objeto, certos tipos de saberes: por conseguinte podemos, a partir daí, fazer uma história externa, exterior, da verdade.

Nesse processo, Deleuze e Guattari (1996) contribuem para a compreensão dos modos de existir, trabalho incessante, num campo de forças, percorren-



do caminhos, construindo algumas verdades e desconstruindo outras, fruto de uma cultura institucional pregressa, saudosista que, para o momento histórico, já deixaram de se justificar enquanto tais. Concorda-se com Deleuze (1997), que importa priorizar as atitudes de acolhida e de descobertas e não as de julgamento, abrigando a vida que pode apresentar-se com suas múltiplas forças e formas. O tecido que vai sendo construído sobre o cuidado de si pode criar uma consistente rede no entendimento dos modos de ser da instituição e as pessoas que nela participam, tomando como suporte os conceitos de Foucault (1997) sobre o governo, a tecnologia de si e de poder.

Na busca pelo cuidado institucional e pessoal, depara-se com o encontro com as diferenças que mostra as forças de abertura e de fechamento do outro, o qual, na maioria das vezes, não é o que se apresenta fora, longe, inacessível, “mas o estranho em mim – o diferente que me ameaça, e com o qual nem sempre me quero defrontar” (EIZIRIK, 2000, p. 6). O fazer da pessoa ganha atenção neste momento da história, em observação do processo de ação que vai constituindo modos de subjetivação. Conforme sugere Veyne (1998, p. 257), “o que é feito, o objeto, se explica pelo que foi o fazer em cada momento da história; enganamo-nos quando pensamos que o fazer, a prática, se explica a partir do que é feito”. Trata-se, então, de pensar nos processos de produção pessoal e institucional enquanto autores e atores de novas práticas de gestão. O eixo central dessa discussão se dá a partir das práticas do mundo contemporâneo, na busca pela compreensão da pessoa e da instituição na relação compreendida por Foucault (1990, p. 49) como “contato com as tecnologias de dominação dos outros e as que se referem a si mesmo”. As tecnologias de dominação compreendem as de poder e de si, cada vez com maior interesse pela interação entre o si mesmo e os demais, pelas tecnologias de dominação individual e pela história do modo como um indivíduo atua sobre si mesmo.



3 ÉTICA DO GOVERNO DE SI

A noção de governo de si e da instituição inclui, “técnicas e procedimentos destinados a dirigir a conduta dos homens. Governo das crianças, governo das almas ou das consciências, governo de uma casa, de um Estado ou de si mesmo” (FOUCAULT, 1997, p. 101). Para o autor, por meio das técnicas de governo, o indivíduo se objetiva como sujeito. Produz ponto de contato entre a tecnologia política dos indivíduos e as tecnologias de si mesmo, tornando o ato de governar, por vezes, de difícil equilíbrio, permeado por conflitos e complementaridades, entre as técnicas de coerção e os processos através dos quais o eu é construído e modificado por si mesmo. No estudo da governabilidade, Foucault (1997, p. 110) traça dois objetivos que se tornam relevantes neste trabalho: fazer a crítica às conceituações de poder (confusamente pensado como sistema unitário, organizado a partir de um centro) e analisá-lo

[...] como um domínio de relações estratégicas entre indivíduos ou grupos – relações que têm como questão central a conduta do outro ou dos outros, e que podem recorrer a técnicas e procedimentos diversos, dependendo dos casos, dos quadros institucionais em que ela se desenvolve, dos grupos sociais ou das épocas.

A análise das formas de governabilidade do Unilasalle exige ferramentas conceituais que lhe dêem sustentação na escavação do terreno. Para tanto, entende-se ser necessário clarificar conceitualmente a questão das tecnologias. As tecnologias, na sociedade ocidental, comportam diferentes tipos de compreensão do fazer e do ser humano. Foucault (1997) apresenta quatro tipos: tecnologias de produção, as quais permitem produzir, transformar e manipular coisas; tecnologia dos sistemas de signos, que propicia a geração e o uso de signos, sentidos, símbolos ou significações; tecnologias de poder, que determinam a conduta dos indivíduos e, por fim, as técnicas de si. As técnicas de si são compreendidas como



[...] os procedimentos, que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si (FOUCAULT, 1997, p. 109).

Dito de outra forma, as técnicas de si dizem do “conhecer-se a si mesmo”. Para Foucault (1990), um dos mais importantes princípios das cidades gregas era o ocupar-se de si mesmo. Tal orientação constituía-se em regra importante para a conduta social e pessoal e para a arte da vida. Para nossa cultura ocidental, essa noção do cuidado de si transformou-se no princípio délfico *conhece-te a ti mesmo*. Nossa tradição filosófica enfatizou este segundo princípio, esquecendo o primeiro. Para a cultura grega e romana, estava implícita a associação entre o conhece-te a ti mesmo e o cuidado de si. Junto à tecnologia de si está a tecnologia de poder. Na trilha da questão em estudo, opera-se com o conceito de poder em suas relações com a liberdade, o poder pastoral e a disciplina. O poder, uma das principais ferramentas de estudo, é compreendido

[...] como a multiplicidade de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 1999c, p. 89).

O poder se exerce como um modo de ação sobre as ações dos outros, pelo “governo” dos homens uns pelos outros – no sentido mais extenso da palavra, inclui-se um elemento importante: a liberdade. Segundo Foucault (1999c), este último só se exerce entre “sujeitos livres”, individuais ou coletivos, diante de um campo de possibilidade em que diversas condutas, reações, modos de comportamento podem acontecer. Portanto, há um jogo muito complexo entre poder e liberdade, jogo no qual esta última é condição de existência do poder. As tecnologias de poder e de si implicam em certas formas de aprendizagem e mo-



dificação dos indivíduos adquirindo certas habilidades e atitudes e desenvolvem-se nos diferentes contextos da história. É um poder que se presentifica ao operar sobre corpos individuais ou em grupos instaurando uma forma de ser. Esse exercício do poder exhibe enfaticamente uma das prioridades assumidas no BSC.

Estratégias são definidas em vista da consolidação da revitalização institucional, dos conteúdos educacionais, da formação profissional e de recursos e investimentos financeiros e econômicos. A instituição lassalista garante essa viagem revitalizadora, ritmada pelos movimentos processuais do BSC, ano a ano, no labirinto das ações que registram um cuidado ou, no dizer de La Salle, um zelo ardente pela vitalidade institucional, com estratégias disciplinares que trabalham com as oportunidades emergentes, decorrentes das posições assumidas. Os espaços conquistados vão legitimando um poder institucional que se ocupa do cuidado do si mesmo e do outro, ferramenta que guia e conduz para o objetivo delineado. Nessa produção, o si mesmo, enquanto pessoa ou instituição e o outro enquanto cliente, são agulhas tricotando incessantemente a malha de gestão. O relacionamento com o outro, dentro e fora de si, é parte instituinte do cuidado levando à compreensão de que

[...] sem a presença do outro não se pode produzir nenhum autor-relacionamento satisfatório; o cuidado de si precisa do outro. A constituição do indivíduo como sujeito ético efetua-se só por meio de relações complexas com o outro (cujo estatuto e formas são diferentes segundo a época) (ORTEGA, 1999, p. 126).

O ato de governar sugere relações e estratégias múltiplas na articulação do exercício do poder tendo por foco a revitalização do cuidado, de si e dos outros, com novo posicionamento estratégico. A luta por consolidar a saúde institucional desdobra-se no reconhecimento de forças que se exercem continuamente para associar ao nome milhares de vidas tramadas na luta pelo posicionamento de mercado na atualidade que passa pelo cuidado com a pessoa, pela explicitação de um produto educativo focado em metas e resultados. Para a insti-



tuição se manter em luta, muitas vezes é necessário mudar o jogo e suas estratégias. Os processos de identificação do BSC centralizam-se num fazer estratégico carregado de conflitos, de crescente participação e envolvimento de maior número de pessoas nas diversas instâncias práticas e reflexivas. É um fazer que se mostra traduzido no trabalho das equipes tarefa dando o melhor de si em prol de atingir suas metas e resultados.

A atualização e formação de pessoas exigem um plano de Gestão de Pessoas na busca por qualificação dessas pessoas e dos serviços por elas prestados, com reflexões e mudanças feitas também ao nível da estrutura interna, o que resulta, inclusive na coragem por novas configurações da Instituição. Na contínua problematização do BSC, os diversos programas de formação, contribuem com novos espaços de fuga para continuar os movimentos ocupados em “pensar as ‘linhas de fuga’, os acontecimentos que escapam da codificação e da coerção, os movimentos de resistência, as microrrevoluções específicas e localizadas” (QUEIROZ, 1999, p. 18, grifo do autor). É uma ética do cuidado sendo exercida e produzindo efeitos, sendo eficiente, atuando sobre corpos, mentes, ações. Não se limita a coagir, produz falas e práticas de desassossego. As buscas por alternativas mantêm os pessoas em processo permanente de diálogo com os múltiplos saberes. Encontra-se eco nas palavras de Foucault (1992, p. 123) quando ele refere que: “Como o poder seria sem dúvida agradável e fácil de dismantelar, se se limitasse a vigiar, espiar, surpreender, proibir e punir; mas incita, suscita, produz; não é apenas olho e ouvido; faz agir e falar”.

As transformações do período 2006-2009 também provocaram movimentos que resultaram, entre outros, em Programa de Avaliação Institucional (PROAVI); Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI); Planejamento Estratégico; Políticas de Pesquisa; Plano de Formação Continuada; trabalho por metas e resultados em todos os segmentos institucionais; profissionalização da gestão, entre outros. Esses tópicos levam a pensar sobre os discursos novos que estão sendo construídos. Eles indicam a sua multiplicidade. Essa exige aprender a convi-



ver com o desassossego, com os fluxos e complexidades, com o novo que desperta curiosidade e vertigem numa instituição que é pressionada, por si mesma e por forças externas, a se olhar, a se analisar, a fazer sua reinscrição estratégica no social para sobreviver. E, para tal, a mudança é necessária.

A sensibilidade aponta para novas construções, carregadas, muitas vezes, de enfrentamentos. Nos discursos sobre formação continuada, por exemplo, há busca por legitimar novas práticas, novos conhecimentos produzidos por processo de renovação e otimização de tempo, espaços e recursos. As falas produzidas pelo BSC mostram um poder que não está num lugar, numa instância, num cargo, mas distribuído em todos os lugares. Assim, de acordo com Foucault (1999c), o poder se produz a todo instante, está em toda parte, provém de todos os lugares, não é uma instituição nem uma estrutura, é uma estratégia complexa numa sociedade determinada. Ele se exerce também entre os lassalistas participantes do BSC, pela busca de espaço e reconhecimento social diferenciado, inclusive entre as demais instituições de educação superior.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição lassalista mantém-se arduamente empenhada na problematização de inúmeras variáveis intervenientes em seu campo de trabalho: a instituição implicada com suas metas e seus resultados. As técnicas de si apresentam-se potencializadas no cuidado de si, superando o parcial *conbece-te a ti mesmo*. Assim, os processos de subjetivação inscrevem-se no desenvolvimento de possibilidades facilitadoras de novos modos de existência enunciados na crescente capacidade de conviver com o diferente, seja ele na forma de discurso, prática ou pessoa; na atenção e incentivo ao diálogo e participação, primando pela implicação consciente e responsável dos seus na construção de novas práticas de gestão, incorrendo em metas e resultados, sem precedentes na história institucional.



As tecnologias de poder e de si possibilitaram a leitura de discursos e práticas operando sobre corpo, alma, pensamento e conduta na constituição de sujeitos mais autônomos mediante as práticas de si. Essas possibilitaram a assunção do conhecimento de si e do reconhecimento dos outros como construtores da história num conjunto de processos humanos pelos quais homens e mulheres atuam construindo uma ética do cuidado de si. Ainda eclodindo das rachaduras de formas obsoletas, as pessoas e a própria instituição ensaiam a invenção de maneiras para responder aos desafios desta época, cuidadosos dos sinais e desafios do presente.

Dessa forma, ao circular em cadeia, o poder se exerce em rede, na qual os indivíduos se movem e de alguma forma também estão submetidos ao poder e ao seu exercício que, em seus finos mecanismos, põem em movimento um saber próprio construído por eles. Uma atenção apurada às pulsações da nova ética, presente no BSC, pontua com intensidade um poder que incita, que produz na multiplicidade, na sutileza das pequenas decisões, nas minúsculas formas, nos novos conteúdos e processos, nos dispositivos vários que procuram dar credibilidade e resultados às escolhas feitas.

Superando o poder unitário organizado a partir de um centro, os resultados do BSC evidenciam pessoas em relação, encontros que possibilitam trocas e circulação de forças e formas em maior ou menor grau de visibilidade e enunciação de resultados humanos, econômicos e financeiros positivos. Torna-se visível em todo o processo do BSC o jogo da vida institucional com seus riscos e coragem de ser diferente nos enfrentamentos para viver no enlace de forças apolíneas e dionisíacas. A multiplicidade de projetos e o modo como as pessoas estão implicadas faz do BSC uma expressão da governabilidade de si e do outro.

Logo, a prática do BSC, emerge de desafios atuais, provoca caminhos de ruptura, torna inovadora a idéia da instituição de oxigenar a partir de dentro. Faz diferença fundamental ao avançar na formação teórica e pessoal como cuidado



de si. O Unilasalle demonstra querer continuar num processo de mudança para não morrer. É referência não somente para a Região Latino-Americana, mas também para o Instituto Lassalista, presente em 80 países. Desponta, no cenário mundial lassalista, como uma célula que atesta vitalidade, prosperidade, conhecimento, e estabilidade financeira.

Todo esse processo percorrido, ajuda a pensar novos modos de ser e cuidar de si. Essa abertura para o novo que se reconhece na gestão possibilita rever a vida na instituição e enseja ressignificá-la em seus desafios, rupturas, jogos de verdade, com as marcas que produz, companheiras na viagem do desassossego contemporâneo, ferramentas na construção de novos caminhos, na invenção de novas práticas e formas de existir que primam pela potencialização pessoal e institucional instauradora de novos modos de ser que se mostra numa nova ética que integra e unifica o saber e o cuidar de si.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Autrélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DREYFUS, H. L. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

EIZIRIK, M. F. **Por que a Diferença Incomoda Tanto?** Revista EMPIRIA, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 4-14, dez. 2000.

FOUCAULT, M. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Madrid: Paidós Ibérica/S.^a I.C.B. de la Universidad Autónoma de Barcelona, 1990.

_____. **O que é um autor?** 3. ed. Lisboa: Veja/Passagens, 1992.



_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. **Vigiar e punir: história das violências nas prisões**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ORTEGA, F. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

QUEIROZ, A. **Foucault O Paradoxo das Passagens**. Rio de Janeiro: Pazulim, 1999.

VEYNE, P. M. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

